

**PATRIMÔNIO CULTURAL: A VIA GÊNOVA E A VIA SACRA
AUXILIANDO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DE
SERAFINA CORRÊA/RS**

Ricardo Stedile Neto
Universidade Federal de Santa Maria
rickstedile@gmail.com

Ligian Cristiano Gomes
Universidade Federal de Santa Maria
Ligiangomes53@gmail.com

Mateus Pessetti
Universidade Federal de Santa Maria
mateuspessetti84@gmail.com

RESUMO: A unidade territorial em foco apresenta características materiais e imateriais que compõe a paisagem cultural do grupo étnico italiano. Dentre esses códigos culturais dois ganham destaque e são considerados patrimônio cultural de Serafina Corrêa. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como a Via Sacra e a Via Gênova auxilia no desenvolvimento socioeconômico de Serafina Corrêa. Especificamente buscou-se: (a) compreender a importância que esses patrimônios culturais exercem na dinâmica socioespacial do município; (b) investigar a forma como a Via Sacra e a Via Gênova desenvolveram o turismo na unidade territorial em estudo e, (c) espacializar o patrimônio cultural do município. Como resultados, destaca-se que as simbologias (Via Sacra e Via Gênova) são patrimônio cultural, possibilitando que o município se desenvolvesse economicamente.

Palavras-chave: cultura; geografia cultural; desenvolvimento econômico; patrimônio cultural; italianos.

GT – 11: Práticas culturais na produção do espaço

1 Introdução

Uma das principais características da ciência geográfica é a constante procura em reler seus conceitos e seus paradigmas. Essa dinâmica é a que caracteriza todas as ciências, em especial, a Geografia, sendo fundamental para que o pensamento científico possa acompanhar as transformações em que o meio técnico-científico-informacional impõe a sociedade. Esse processo de releitura da Geografia possibilita a obtenção de respostas que condizem com a atual dinâmica da natureza/sociedade. Pode-se dizer, então, que, a Geografia possui como desafio principal, o acompanhamento das transformações complexas do mundo de hoje.

Atualmente, a Geografia Cultural tem sido foco de atenção pelos geógrafos, destacando-se como uma temática reflexiva, a qual explica a diversidade dos grupos sociais e suas distintas formas de organização espacial. O fato de os estudos culturais inserirem o modo de vida ao espaço, privilegia o entendimento das diferentes formas de sua ocupação e reorganização, ou seja, os grupos sociais, através de suas simbologias e representações, organizam e reorganizam o seu espaço por meio de suas marcas culturais. Segundo Wagner e Mikesell (2014, p. 28), essa organização espacial proveniente dos diferentes grupos sociais é resultante “[...] da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos”.

Cabe destacar que os estudos culturais começaram na Europa, no final do século XIX, com Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918), e difundiram-se para os Estados Unidos na primeira metade do século XX com Carl Sauer (1889-1975). Apesar de ser um campo da Geografia com mais de cem anos de estudos, a forma como a Geografia Cultural é analisada na atualidade, considerando a subjetividade dos grupos étnicos, só foi aprofundada pelos pesquisadores após Segunda Guerra Mundial, no movimento chamado de “A Renovação da Geografia Cultural” (CLAVAL, 2002).

A cultura é responsável pela orientação das ações de determinado grupo social, pois a mesma consiste em um conjunto de crenças e valores, os quais estão intrínsecos na essência desse grupo. Neste sentido, os valores estão diretamente atrelados à consolidação do grupo, no espaço em que estão inseridos. Além disso, destaca-se a importância da cultura como organizadora do espaço através de seus símbolos e dos códigos culturais, os quais são responsáveis pela sua identificação (COSGROVE, 1998).

No Brasil, as pesquisas de Geografia Cultural se aprofundaram, principalmente, com os estudos dos processos migratórios a partir do século XIX. Vindos da Europa em busca de

melhores condições de vida, os imigrantes alemães e italianos, principalmente, foram se reterritorializando no estado gaúcho e o organizando de acordo com seus códigos culturais bem como a disponibilidade de recursos naturais encontrados, formando paisagens culturais singulares e diversificadas.

Salienta-se que a imigração ocorreu devido a alguns fatores, dentre esses, o processo de colonização da região sul do Brasil, que teve início a partir do século XIX. Os imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, viram nas grandes áreas de terras disponíveis, uma forma de se desenvolverem e se consolidarem economicamente no país (SAQUET, 2002).

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul, iniciou oficialmente na década de 1870 (SAQUET, 2002). Os colonos que chegaram, trouxeram seus costumes, os quais caracterizaram muitos municípios do estado sulino, até os dias atuais. Os códigos culturais que foram sendo inseridos gradativamente pelos imigrantes italianos, auxiliaram na construção da identidade cultural de seus descendentes, os quais a cultuam hodiernamente. A materialização cultural pode ser presenciada principalmente nos municípios da região da Serra Gaúcha, os quais são quase na sua totalidade, de colonização italiana, como é o caso de Serafina Corrêa, recorte espacial dessa pesquisa.

A economia também está atrelada a cultura. Cada grupo social, considerando os seus costumes, fazeres e saberes tradicionais, inseriram nas unidades territoriais por eles ocupadas, seu modo de produção para se consolidarem economicamente. Os imigrantes italianos que ocuparam a região da Serra Gaúcha, trouxeram como principal atividade, a agricultura¹. Pequenas unidades familiares foram responsáveis por desenvolverem o território ocupado pelos italianos e caracterizaram-no com pequenas unidades de produção, baseadas na mão de obra familiar.

A escolha de Serafina Corrêa como recorte espacial de estudo, justifica-se por ser, este município, característico da presença do grupo social italiano e de suas marcas culturais presentes no mesmo. Colonizado quase que exclusivamente por italianos, sua realidade socioeconômica está vinculada às representações, saberes e fazeres desses imigrantes. A oralidade se destaca entre essas marcas culturais, pois é considerada uma segunda língua oficial, o Talian. Este dialeto é falado entre os mais antigos e passado às gerações. Com a valorização

¹ Os colonizadores italianos, começaram a plantar o milho, o qual era matéria prima para a polenta, base de sua alimentação, u a uva, para a produção do vinho (PESAVENTO, 1983).

do dialeto, Serafina Corrêa, é considerada a capital nacional do Talian. Também tem destaque as festas, arquitetura, religião, gastronomia, música, dança, vestimentas e artes, que podem ser visualizadas no município. Desta forma, a simbologia italiana demonstra a identidade ítalo-brasileira presente nesta unidade territorial.

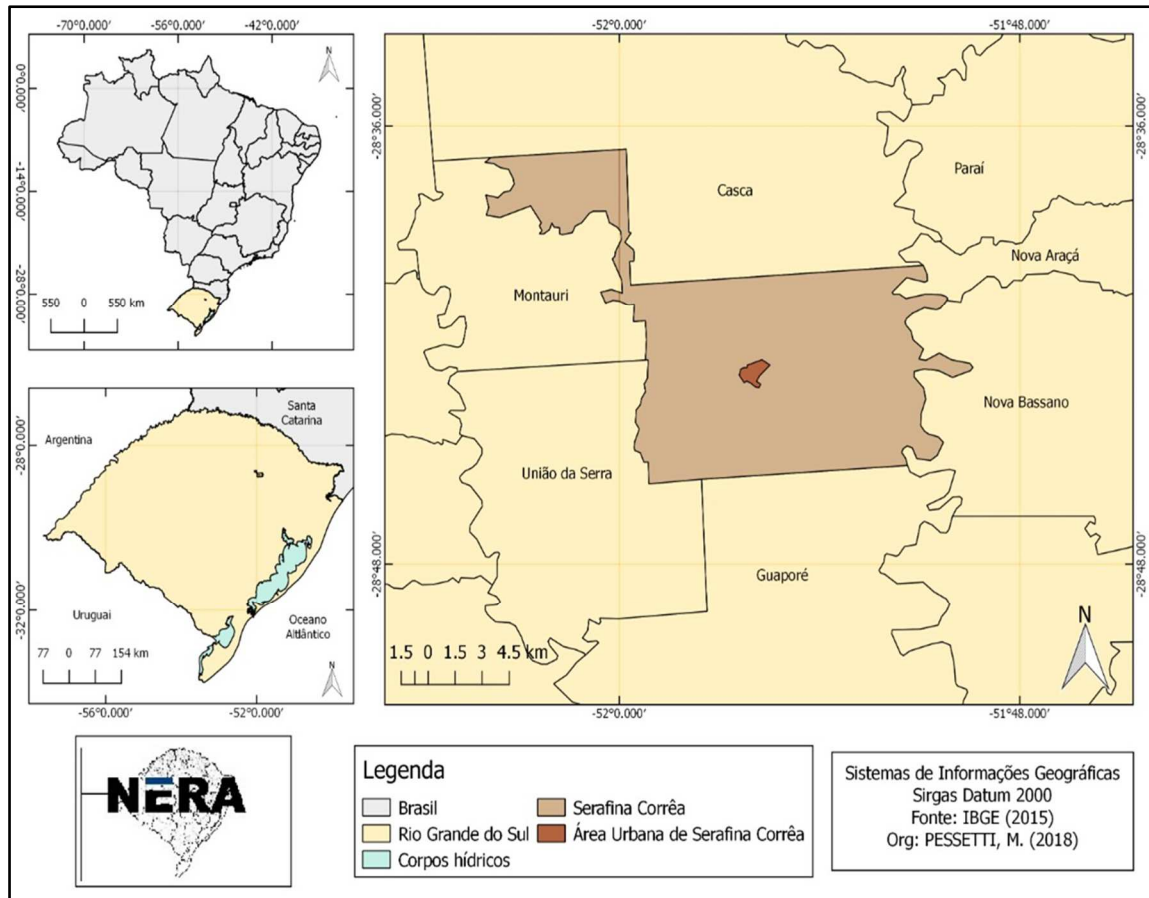
Concomitante a estes fatores, a escolha desta unidade territorial para a realização da pesquisa, possui também, um caráter pessoal, pois remonta aos meus antepassados. Ao estudar o grupo étnico italiano, tornou-se possível o autoconhecimento, pois sou descendente de imigrantes italianos, que se instalaram na região da Serra Gaúcha durante o final do século XIX. Além disso, é uma forma de conhecer a história de um dos grupos sociais mais expressivos que colonizaram o Rio Grande do Sul.

Serafina Corrêa se insere na Microrregião Geográfica de Guaporé (MRG 13), a qual pertence a Mesorregião do Nordeste Rio-Grandense e está localizada na latitude sul 28°42'42" e longitude 51°56'06" à oeste de Greenwich. Apresenta como limites: ao norte o município de Casca; ao sul o município de Guaporé; a leste o município de Nova Araçá e a oeste o município de União da Serra (Mapa 1).

A implantação de um distrito industrial na unidade territorial, foi responsável por mudanças recentes no cenário econômico do município. A inserção de atividades externas, como a produção de industrializados embutidos, as quais não estão vinculadas à tradição italiana, reflete diretamente na nova dinâmica econômica local. Tal fato indicou mudanças significativas que influenciaram a cultura da unidade territorial em análise.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como a Via Sacra e a Via Gênova auxilia no desenvolvimento socioeconômico de Serafina Corrêa. Especificamente buscou-se: (a) compreender a importância que esses patrimônios culturais exercem na dinâmica socioespacial do município; (b) investigar a forma como a Via Sacra e a Via Gênova desenvolveram o turismo na unidade territorial em estudo e, (c) espacializar o patrimônio cultural do município. Como resultados, destaca-se que as simbologias (Via Sacra e Via Gênova) são patrimônio cultural, possibilitando que o município se desenvolvesse economicamente, pois foi responsável por desenvolver o turismo incentivando o desenvolvimento local/regional. Enfatiza-se a preocupação crescente da valorização e preservação da cultura pelos moradores e gestores públicos.

Mapa 1 – Localização de Serafina Corrêa/RS



Fonte: (IBGE, 2010).
 Org.: PESSETTI, M. 2018.

2 A organização espacial baseada na cultura

A construção do espaço como um conceito-chave da ciência geográfica aconteceu durante o tempo histórico e conforme os estudos geográficos avançavam, principalmente com os novos paradigmas que surgiam à medida que novas vertentes iam surgindo. Com a criação da Geografia Crítica, durante a década de 1970, o espaço assume papel chave nos estudos e passa a ser visto como resultado da ação humana que se realiza através do movimento da sociedade sobre o meio natural.

O espaço passa a ser visto, portanto, como um espaço produzido, com base na acepção, idealizada por Lefebvre nos anos de 1960. Essa teoria surge como uma resposta às contradições sociais e espaciais causadas após a Segunda Guerra Mundial e à Crise do Capital, que

modificaram as paisagens que haviam sido descritas durante séculos pelos geógrafos (CORRÊA, 2003).

Com base nessa questão, Santos (2008, p. 8) afirma que o espaço

[...] deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Levando-se em consideração esta afirmação, pode-se compreender que o espaço então é organizado e reorganizado a partir das ações humanas sob o meio físico. Deste modo, a organização espacial é baseada na econômica, cultura, política, etc.

Conforme Santos (1996), os elementos do espaço devem ser considerados como variáveis que mudam seu papel a cada momento histórico, levando em consideração a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial. O espaço é (re)organizado, conforme as relações sociais que ocorrem em sua área.

As formas de movimentos da sociedade são responsáveis pela atribuição de novas funções às formas geográficas, transformando assim, a organização do espaço. Essas dinâmicas sociais geram novos movimentos históricos, que por sua vez acabam redefinindo a função de um determinado lugar, possibilitando uma nova dinâmica espacial, tornando a relação do homem com o espaço cada vez mais como um processo de organização fechado.

Partindo desse pressuposto Santos (1980), utiliza o conceito de rugosidades para complementar o assunto, analisando que o processo de produção do espaço consiste, ao mesmo tempo, em na construção e na destruição das formas e funções de um determinado lugar.

Analisando este fato, Santos (1980, p. 138) analisa que

[...] as rugosidades os oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados [...]. O espaço, portanto, é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudanças de processos, ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que os outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

Com nas afirmações do autor, compreende-se que as rugosidades consistem nas formas espaciais que foram produzidas no passado, em momentos distintos do modo de produção.

Essas rugosidades, por terem sido produzidas em diversos períodos temporais, apresentam características socioculturais específicas, podendo ser periodizadas baseadas no desenvolvimento do modo de produção e nas condições técnicas que são substituídas ou melhoradas.

As rugosidades podem ser analisadas, quando for eleita uma determinada área de estudo, com base nas mudanças econômicas ocorridas nessa área. A forma como o espaço se organizou e se organizou, através da dinâmica econômica, deixa marcas que podem ser identificadas e temporizadas. Além disso, esse processo de reorganização deixa marcas culturais que são vistas na paisagem da área em estudo.

Com base nisso Corrêa (2011), aponta que falar em organização é uma tarefa difícil e complexa, pois é necessário reunir, de forma crítica, conceitos oriundos de diversas matrizes, muitas vezes contrastantes. A utilização da cultura nas análises da organização espacial, remete diretamente ao conceito de rugosidades.

O processo de organização espacial tem seu combustível através do movimento dialético da totalidade das partes, fazendo com que a formação de novas dinâmicas espaciais reflita a totalidade de uma área, com base em combinações em diferentes escalas temporais. Essa afirmação é validada com as palavras de Carlos (1996, p. 129) quando diz que “a construção de um espaço novo a partir de um preexistente inclui a articulação da técnica e do saber à gestão onde o Estado, ao lhe atribuir funções, constitui-se em um espaço de dominação”.

Com base nisso, considera-se que o estudo da organização espacial se justifica, pois, a ação humana é uma ação espacialmente diferenciada sobre um meio também diferenciado. Deste modo, a análise desse espaço produzido pelas sociedades é uma forma de distinguir os homens dos animais, visto que a sociedade imprime suas marcas no espaço, a qual consiste na principal característica da humanidade.

Corrêa (2011), destaca que a organização espacial, assim como a construção social assume diversos papéis, caracterizando-se assim como multidimensional. Deste modo, a forma como esse fenômeno ocorre apresenta várias dimensões, que englobam as dimensões econômica, política e cultural, cada uma apresentando diferentes processos e formas de organização, mas integradas na mesma formação social. Nota-se, portanto, que essa multidimensionalidade da organização espacial é a causadora de múltiplas espacialidades, que acabam, ora se complementando, ora se sobrepondo.

Essa visão de multidimensionalidade pode torna-se caótica se não forem considerados as subjetividades de cada espacialidade. Com base nisso, Corrêa (2011, p. 8) diz que

Compete ao geógrafo tornar inteligível não apenas cada uma das espacialidades, mas também o complexo conjunto delas no espaço. Para isto, as diferentes interpretações contidas na teoria e localização são, no mínimo, um ponto de partida.

Com as palavras do autor é possível compreender que a análise da organização do espaço é um conteúdo complexo e que deve ser trabalhado através da articulação entre as diversas espacialidades. A construção dessas diferentes espacialidades irá ser feitas através da subjetividade dos agentes formadores, com base na organização social e econômica daquele que está ocupando esse espaço.

A forma de organização do espaço, através das rugosidades deixadas por grupos culturais devem ser levadas em consideração na hora da análise espacial por compreenderem o modo de vida e a forma como esses grupos se relacionam com o ambiente em que habitam. A formação espacial com base na cultura, leva em consideração os lugares e as identidades construídas através do tempo, baseando-se nos aspectos culturais que são impressos no espaço geográfico, tornando-o assim um espaço total, em que homem e meio são agentes formadores e transformadores nessa dinâmica espacial (DILL e DORNELES, 2019).

Utilizando-se a concepção de formação espacial através das dinâmicas cultural e econômica, é necessária a compreensão do processo dialético tempo e espaço. Para isso, o espaço tem que ser analisado como a base de movimentos dialéticos que vão ser incorporados e irão (re)organizar esse espaço, a partir da nova dinâmica que está sendo implantada. Esse fenômeno é bastante comum na atualidade, a partir da intensificação do processo de urbanização (SILVEIRA, 2015).

Esse processo que vem se intensificando nas últimas décadas, utiliza o capital para justificar as mudanças necessárias impostas à dinâmica espacial de determinado local. Deste modo, a cultura acaba por pleitear essa reorganização, visto que o capital se utiliza das dinâmicas culturais para se concretizar de maneira mais forte no espaço.

Sobre a presença do capital no processo de organização espacial, Harvey (2006, p. 80) afirma que

O capitalismo tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica [...] como solução parcial para suas crises e seus impasses. Assim, ele constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infraestruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase da história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior.

A utilização da cultura pelo capital traz novas formas de produção e de sistemas econômicos, visto que a dinâmica econômica e as atividades exercidas se modificam. Deste modo, o espaço geográfico se organiza para atender à essas novas necessidades impostas pelo capital, formando assim, uma paisagem construída especificamente para isso, fazendo com que assumam as características desejadas pelo capital.

Essa “virada espacial” que vem acontecendo, principalmente com o avanço da globalização, vem trazendo à tona, cada vez mais, as concepções de Lefebvre acerca da teoria da produção do espaço. Deste modo (Filho, Quaresma e Rodrigues, 2008 s/p) dizem que a organização espacial

[...] deve ser caracterizada como entidade organizada na superfície terrestre formada pelos subsistemas físico/natural e antrópico, bem como por suas interações. O subsistema físico/natural é composto por elementos e processos relacionados ao clima, solo, relevo, águas e seres vivos, enquanto os componentes e processos do subsistema antrópico são aqueles ligados à população, urbanização, industrialização, agricultura e mineração, entre outras atividades e manifestações humanas, a exemplo da cultura e da política.

Esse novo modo de estudo da organização espacial traz para os estudos geográficos a inserção da subjetividade, principalmente utilizada nos estudos culturais fenomenológicos. Com base nisso, a utilização da cultura é de suma importância para compreender as dinâmicas espaciais na área que está sendo analisada.

Sendo assim, para que os estudos espaciais sejam relevantes, deve-se utilizar um conjunto de métodos, que irão se complementar e enriquecer a pesquisa a ser desenvolvida. Um desses métodos que podem ser utilizados, é a fenomenologia, que será importante para compreender a subjetividade dos agentes sociais.

Além desse método, a dialética marxista, com base no materialismo histórico, dará a base para compreender a forma como o tempo e as dinâmicas econômica, política e cultural organizaram o espaço. A utilização da dialética marxista é a mais utilizada para os estudos de organização espacial, por trazer os estudos do materialismo histórico, os quais conseguem

compreender a subjetividade dos aspectos culturais através de fenômenos materiais. (CORRÊA, 1986).

Santos (1985) divide a organização do espaço a partir das categorias forma, função, estrutura e processo. Essas categorias iriam ser responsáveis por caracterizar esse processo de formação espacial. Deste modo, a forma seria os aspectos visíveis e a área externa de cada objeto, enquanto que a função consistiria na tarefa desenvolvida por essa forma.

A estrutura se caracteriza por ser à maneira como os objetos se organizam, bem como se relacionam entre si. Com base nisso, pode-se afirmar que a estrutura seria a natureza social e econômica de uma sociedade em um recorte de tempo (CORRÊA, 1986).

Com base na estrutura espacial sendo resultado da interação de várias estruturas que estão conectadas, Santos (1985, p. 17) lembra que

A estrutura espacial é algo assim: uma combinação globalizada de uma estrutura demográfica específica, de uma estrutura de produção específica, de uma estrutura de renda específica, de uma estrutura de consumo específica, de uma estrutura de classes específica e de um arranjo específico de técnicas produtivas e organizativas utilizadas por aquelas estruturas e que definem as relações entre os recursos presentes.

Utilizando-se essa concepção, percebe-se que a estrutura está diretamente correlacionada à construção do espaço e à organização deste mesmo espaço. Além disso, o pesquisador não deve analisar a forma das coisas sem se interessar pela formação. Sendo assim, o processo de formação dos agentes do espaço deve ser considerado para obter resultados mais satisfatórios nas pesquisas espaciais.

O processo consiste na atuação do agente social, o qual é responsável por construir, (re)construir e (des)construir as formas do espaço ao longo de um período histórico. Esses agentes sociais se utilizam da cultura e da economia, atrelada ao capital, para organizar o espaço conforme as suas necessidades. Deste modo, Corrêa (1986), aponta que esse processo é dinâmico, sendo ao mesmo tempo resultado e condição de história.

A partir da compreensão dessa dinâmica, torna-se necessário a análise do espaço com base em todos esses aspectos, sob pena de não se compreender de maneira correta os diversos aspectos que são responsáveis pela formação do espaço.

Santos (1985, p. 56) disserta sobre isso falando que

Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles. Se examinarmos apenas a forma e a estrutura, eliminando a função, perderemos a história da totalidade espacial, simplesmente porque a função não se repete duas vezes. Separando estrutura e função, o passado e o presente são suprimidos, com o que a ideia de transformação nos escapa as instituições se tornam incapazes de projetar-se no futuro. Examinar forma e função, sem a estrutura, deixamos a braços com uma sociedade inteiramente estática, destituída de qualquer impulso dominante. Como a estrutura dita a função, seria absurdo tentar uma análise sem esse elemento.

Analisar os processos de organização do espaço com base nesses aspectos, acrescido do processo, visto como uma escala temporal, possibilita uma análise mais detalhada e mais fiel a realidade. Levando-se em consideração que o pesquisador utilize os conceitos de maneira dissociada, a pesquisa obterá resultados superficiais, ficando bastante limitada à descrição dos fenômenos.

Como uma forma de compreensão geral, a organização espacial é, portanto, uma materialidade social, sendo construída pelo homem ao fazer sua própria história no tempo. Corrêa (2000, s.p.) diz que “a organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução).

3 A Via Gênova e a Via Sacra na construção do espaço e no desenvolvimento socioeconômico de Serafina Corrêa/RS

A arquitetura local apresentou uma hibridização com o decorrer do tempo. Inicialmente, era possível encontrar os grandes casarões de pedra e madeira, com porões para o armazenamento dos produtos de subsistência das pequenas propriedades. Posteriormente, com a chegada da indústria no município, as residências foram sendo renovadas com outro estilo arquitetônico, havendo uma significativa quantidade de edifícios e casas, com arquitetura moderna. Tal fato, reflete a entrada do capital externo no município, que proporcionou a dinâmica espacial, que organizou o espaço de Serafina Corrêa.

Segundo dados da Prefeitura Municipal (2018), existem algumas residências localizadas no centro da cidade, que mantém a arquitetura típica italiana, porém, a maior parte das mesmas encontram-se no distrito de Silva Jardim e nas linhas do município, na zona rural. Isso pode ser explicado pelos habitantes da zona rural serem, na sua maioria, idosos, os quais são

descendentes diretos dos colonizadores italianos, que permanecem residindo em casas que foram sendo passadas ao longo das gerações.

Com o intuito de preservar a arquitetura do local e destacar por meio deste código cultural, a cultura italiana, na década de 1990, a prefeitura municipal criou um projeto arquitetônico para a construção de réplicas de monumentos históricos localizados na Itália. Dentre essas réplicas, a prefeitura elegeu 6 monumentos com importante relevância para a história do país europeu, os quais foram: Castello Inferiore di Marostica; Casa di Romeo; Casa di Giulietta; La Rotonda; O Coliseu e a Torre di Pisa.

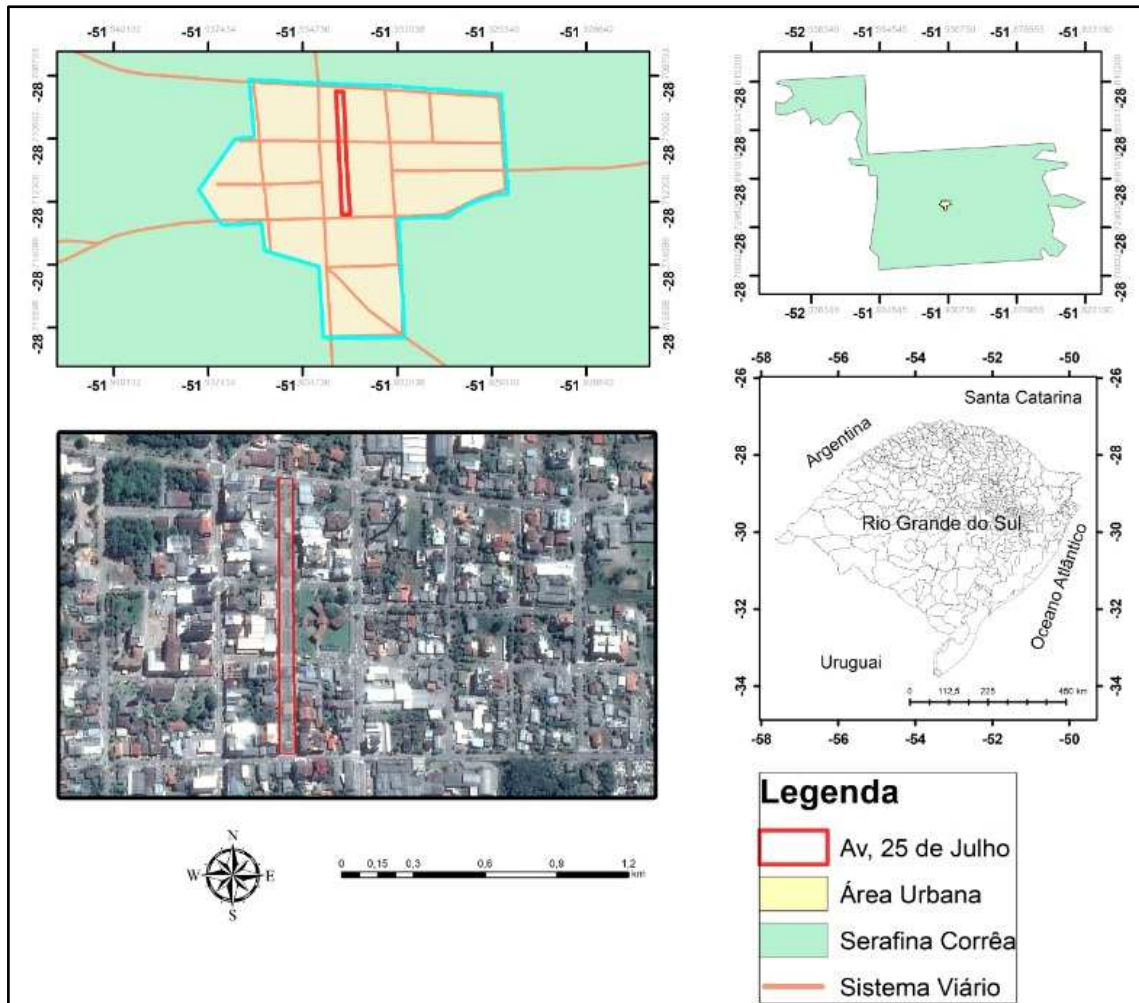
Em 1994, o poder público local, juntamente com apoio de empresas privadas do município, realizou o marco inicial da construção da Via Gênova, que fica situada na Avenida 25 de julho, principal via do município. Essa via, consiste na atualidade, juntamente com a Via Sacra e o Cristo Redentor, os principais pontos turísticos de Serafina Corrêa (Figura 1).

Na data da inauguração do projeto, foi criada uma “cápsula do tempo”, a qual será aberta no dia 20 de julho de 2092, quando se dará os 200 anos da ocupação da área que corresponde o município, atualmente. Esse fato destaca a importância que o poder público e privado de Serafina Corrêa, direciona a cultura local. A valorização do imigrante italiano pode ser percebida, também, com a construção do monumento, a Nave Degli Immigranti. Este é uma homenagem aos imigrantes italianos que vieram ao Brasil (Fotografia 1).

A denominação para o conjunto arquitetônico “Via Gênova”, está ligada a origem dos imigrantes que chegaram no município, ou seja, Gênova, localizado na Liguria – Itália. Segundo a prefeitura municipal, a escolha desse nome foi acatada pois remetia ao lugar de afeto dos colonizadores, sendo assim, uma forma de homenageá-los. Resgata-se, portanto o espaço vivido e reproduzido localmente em Serafina Corrêa.

A primeira edificação entregue, ocorreu no ano de 1996, com a finalização da réplica do Castello Inferiore di Marostica e, a última, o Coliseu, no ano de 2000. Vale destacar que a réplica da Torre di Pisa não foi construída por divergências políticas. Ressalta-se, porém, que há projetos com o intuito de executar esta obra.

Figura 1 – Localização da Via Gênova em Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2016; Google Earth.

Atualmente, a Via Gênova, consiste no principal ponto turístico do município, sendo um marco importante para a economia e cultura da unidade territorial em foco. As edificações possuem diversos usos, como comércio, restaurantes e museus (Figura 2).

É importante destacar, que segundo a prefeitura, a ideia é transformar essas réplicas em lugares em que a cultura italiana seja apresentada, incentivada, valorizada e cultuada.

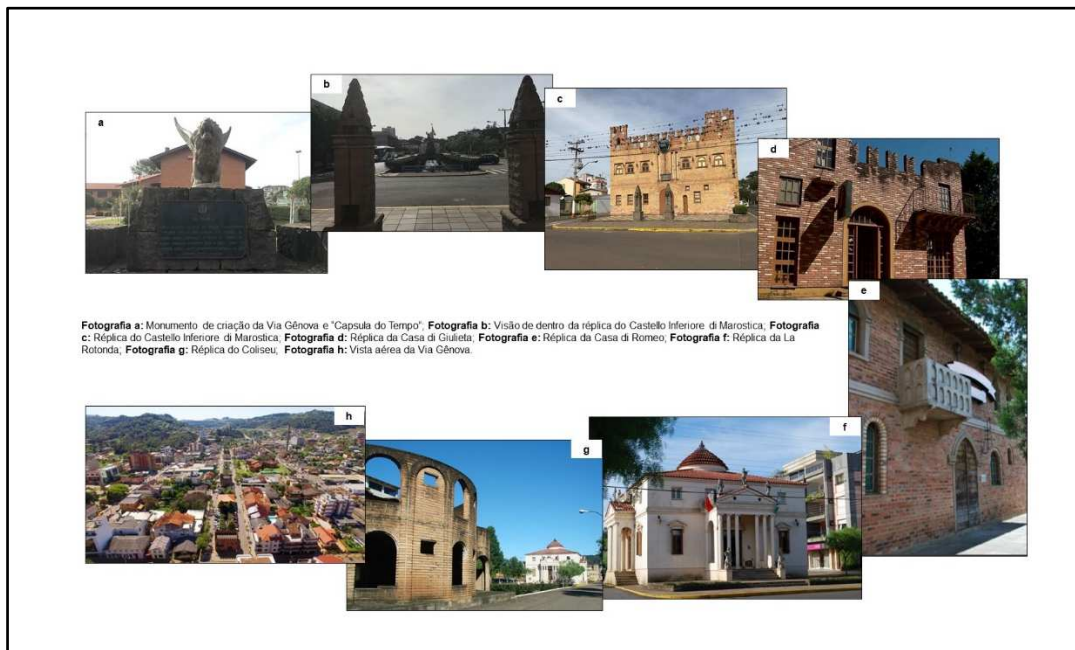
A gestão da Via Gênova é promovida tanto pelo poder público quanto privado. Isso ocorreu por parcerias, onde o capital privado aluga as referidas edificações, sendo responsável pela preservação das características originais das mesmas. Segundo a prefeitura municipal, após a criação desse conjunto arquitetônico, o turismo no município aumentou cerca de 20%. Nota-se que a mesma é importante, também, para o desenvolvimento econômico do município.

Fotografia 1 – Monumento Nave Degli Immigranti, Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Figura 2 - Mosaico fotográfico da Via Gênova



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A religiosidade também foi uma das responsáveis pelo desenvolvimento social do município, pois a mesma implantou escolas, seminários e hospitais, auxiliando na melhoria da qualidade de vida dos habitantes. Com isso, uma significativa parte da população mais idosa, teve seus estudos em escolas católicas, o que auxiliou na manutenção dos costumes religiosos até os dias atuais.

É importante destacar que a religiosidade contribuiu para o turismo e para o desenvolvimento da economia e infraestrutura do município. As romarias, as festividades em datas especiais, juntamente com o monumento do Cristo Redentor e da Via Sacra, a qual foi construída no caminho até o monumento, atraem milhares de fiéis todos os anos (Figura 3).

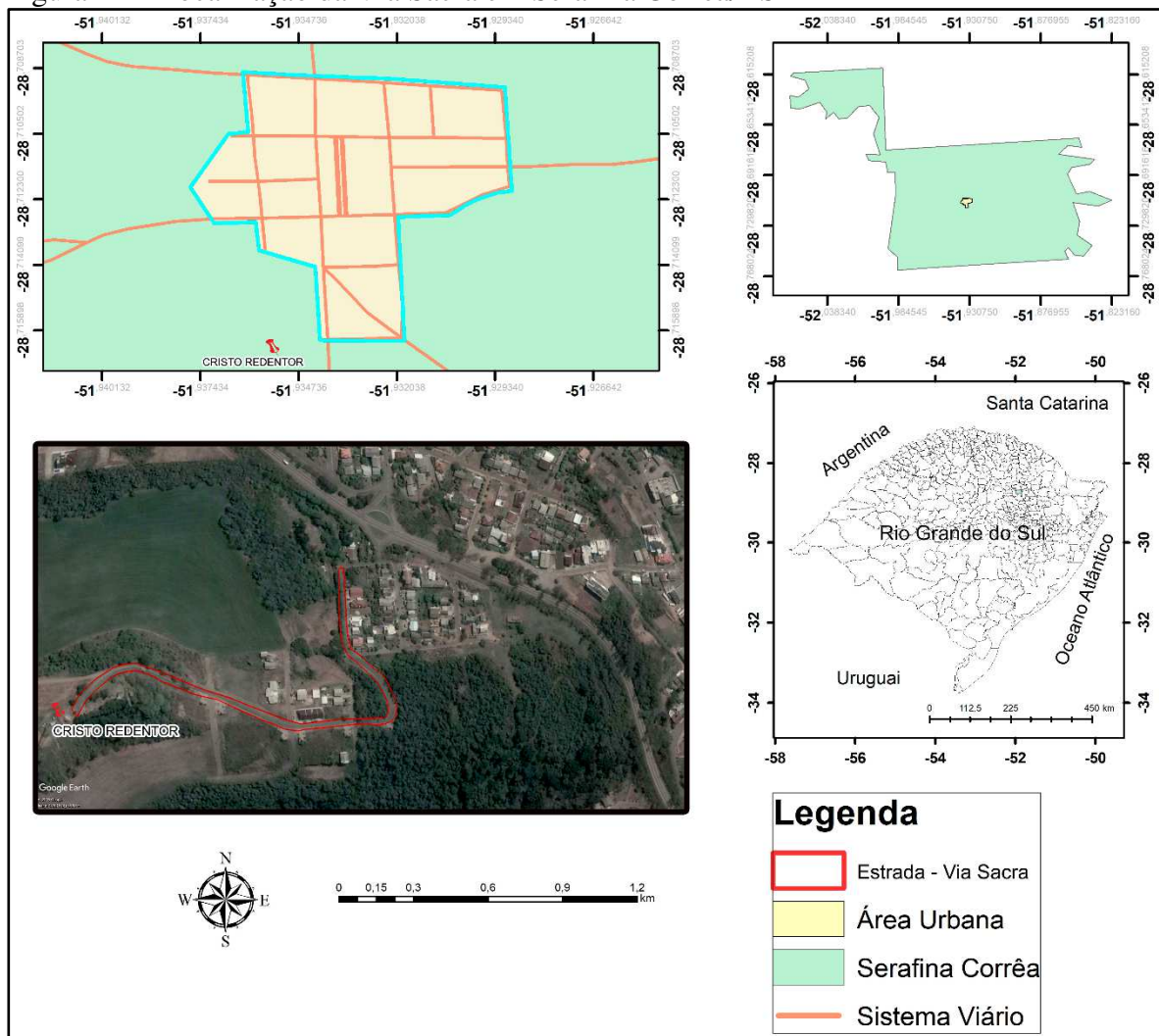
Figura 3 - Mosaico Fotográfico do Cristo Redentor e Via Sacra



A Via Sacra está localizada ao longo da rua Cristo Redentor, inaugurada no ano de 2013, e consiste em 15 capitéis, onde cada um representa uma estação da Via Sacra. Cada estação conta a história de Jesus Cristo, desde o momento em que ele foi condenado à morte (Estação I), passando pelo carregamento da Cruz (Estação II), o momento em que Jesus é pregado na Cruz (Estação XI), até o momento da ressurreição de Cristo (Estação XV) (Figura 11).

A construção do Cristo Redentor iniciou no ano de 1957 e foi financiado por doações dos moradores e empresários. Inaugurado em 23 de fevereiro de 1958, com inúmeras autoridades políticas e religiosas. Este monumento é o principal ponto turístico para os fiéis que visitam o município. Em 2003, implantou-se a caminhada penitencial, que acontece todas as sextas feiras santas, percorrendo o caminho da Via Sacra, até chegar ao monumento.

Figura 11 – Localização da Via Sacra em Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2016; Google Earth.

O município de Serafina Corrêa apresentou diversas modificações espaciais ao longo de sua história. Inicialmente, pertencendo as primeiras colônias italianas, principalmente de Veranópolis e de Conde D’eu, tornou-se de maior relevância em 1903, quando o município de

Guaporé foi instaurado. A economia foi um dos principais fatores, que mediaram a dinâmica socioespacial, que organizou o espaço urbano e rural da unidade territorial em foco.

Quando ocorreu a chegada dos primeiros colonizadores, os mesmos implantaram a agricultura e a pecuária em pequenas unidades produtivas voltadas para a subsistência. Desse modo, Serafina Corrêa se caracterizou por minifúndios de produção familiar. Esses produtores começaram a produzir os alimentos para sua própria subsistência, destacando-se entre eles, a uva, o milho, os suínos e os galináceos. O milho e a uva cederam espaço para a produção do trigo e da soja, durante a década de 1970.

Com o desenvolvimento dos lotes coloniais, o distrito de Dona Fifina, que pertencia ao município de Guaporé, destacou-se economicamente e gerou independência econômica, proporcionando a emancipação política, no ano de 1960. Esse fator foi responsável por destacar o município perante os demais da região, o que gerou especulação de grandes indústrias. Essa dinâmica possibilitou a entrada das indústrias em Serafina Corrêa e o desenvolvimento das pequenas propriedades, através de políticas e de incentivos fiscais.

A presença da soja e do trigo, como principais produtos do colono italiano, mostra como o processo de modernização da agricultura se implementou no meio da produção colonial. Tal fato ocorreu pela pressão que o capital exerce sobre o produtor rural. Atualmente, até os pequenos produtores, que possuem pequenas porções de terras, se dedicam ao plantio do trigo e da soja, contando com uma grande estrutura de tecnologia destinada ao plantio dessas culturas.

A principal dinâmica que o município sofreu, foi resultado dos investimentos direcionados para as indústrias. As principais empresas que se encontram no município, foram fundadas entre as décadas de 1960 e 1970. Porém, foi a partir da primeira década dos anos 2000 que ocorreu a oficialização do distrito industrial de Serafina Corrêa. Tal fato aconteceu no ano de 2009, modificando as relações espaciais a que o município era submetido, até então.

3 Considerações finais

O município de Serafina Corrêa teve sua formação histórica ocorrida no final do século XIX, mais precisamente, durante as décadas de 1870 e 1880. Sua ocupação deve-se quase que, exclusivamente, ao processo de colonização vinculado aos imigrantes italianos. Esses colonos, trouxeram suas convenções, técnicas, saberes, fazeres e valores, e o materializaram no município, construindo sua identidade cultural. Neste sentido, imprimiram as simbologias e

códigos, os quais, caracterizaram o grupo étnico italiano e reorganizaram o espaço da região da Serra Gaúcha, e especificamente, desta unidade territorial, até os dias atuais.

Esta investigação científica buscou compreender como aconteceram as relações culturais rurbanas em temporalidades distintas, ou seja, desde sua colonização até a atualidade, enfatizando os impactos ocorridos na sua economia, as quais foram responsáveis pelo processo de reorganização resultantes de dinâmicas espaciais e econômicas locais. Com tal finalidade, analisou-se os principais códigos culturais que ainda hoje estão presentes no município e que se constituem na sua (i)materialidade cultural.

É importante ressaltar os motivos pelos quais deu-se a escolha desta unidade territorial. Inicialmente justifica-se a escolha pela mesma se destacar entre os municípios da Microrregião Geográfica de Guaporé (MRG 13), tanto pelos seus aspectos culturais quanto pelos econômicos. Procurou-se, também, contribuir com os estudos sobre o tema, pois pouco são os estudos culturais que integram esta microrregião. Além disso, esse estudo poderá ser utilizado como subsídio pelo poder público, para os esforços de preservação da cultura local e o desenvolvimento do turismo.

Os objetivos específicos foram construídos a fim de responder a problemática da pesquisa. Os mesmos buscaram investigar a forma como a (i)materialidade cultural italiana está inserida no cenário municipal na atualidade, após a dinâmica socioespacial que reorganizou o município, como também, foi possível identificar as políticas públicas criadas para preservar a cultura local, para as novas gerações.

Os códigos culturais italianos constituem a paisagem cultural de Serafina Corrêa e o identifica perante os demais municípios gaúchos. Ressalta-se, que na atualidade, Serafina Corrêa é considerada, a capital nacional do Talian, sua segunda língua oficial e também é considerado patrimônio imaterial brasileiro.

A reterritorialização espacial permitiu que os imigrantes implantassem seu modo de produção baseado na agricultura familiar, voltado inicialmente, para a subsistência. Devido as condições edáficas favoráveis, e sua semelhança com as do seu local de origem na Itália, a produção agrícola se desenvolveu e colocou o município em estudo no cenário econômico regional.

Na atualidade, o recorte espacial em análise, teve seu desenvolvimento alicerçado nas técnicas as quais os imigrantes italianos já eram detentores como agricultores, na Itália. Tal fato

fez com que a principal economia do município, até meados da década de 1970, fosse a agricultura, caracterizada por pequenas unidades familiares onde o milho e a uva eram os principais cultivos. As relações culturais do município estavam alicerçadas na identidade ítalo-gaúcha, onde os integrantes da sociedade local se relacionavam a partir das convenções desse grupo étnico.

Com o crescimento econômico de Serafina Corrêa, viabilizados pelos seus altos índices de produção, algumas indústrias começaram a se instalar na região. Tal fato foi responsável pela reorganização do espaço e impactou positivamente nas relações culturais da sociedade local. A nova dinâmica espacial que o município apresentou, principalmente no final do século XX e início do século XXI, modificaram gradativamente a sua paisagem e o processo de identidade cultural de sua população

5 Referências

CARLOS, A. F. A. A mundialidade do espaço. In: MARTINS, J. S. (Org.) **Henry Lefebvre e o retorno da dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, P. A volta do cultural na geografia. **Mercator**. Ano 01, n. 01, 2002.

CORREA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de (Org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Organização do espaço: dimensões, processo, forma e significados. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 36, número especial, p. 7-16, jan. 2011.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Da UERJ, 1998, p. 92-123.

DILL, F. M.; DORNELLES, V. G. Cultura e espaço: um diálogo necessário. **Revista PROJETAR – Projeto e Percepção do Ambiente**. Natal, v. 4, n. 1, abr. 2019.

FILHO, A. P.; QUARESMA, C. C.; RODRIGUES, T. R. I. **Ação antrópica como agente transformador da organização espacial em bacias hidrográficas**. Anais do “X Colóquio Internacional de Geocrítica”. Barcelona, 2008.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. 2 ed. São Paulo: [s.n.] 2006.

PESAVENTO, S. J. **RS: Agropecuária colonial e Industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Documental, 17).

SANTOS, M. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Espaço e Método**. 1 ed. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma nova Geografia**. 6 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.

SAQUET, Marcos A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. 2002. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista.

SILVEIRA, E. L. D. A organização espacial como categoria de análise da Geografia. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 146-162, jan./jun. 2015.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 27-62.